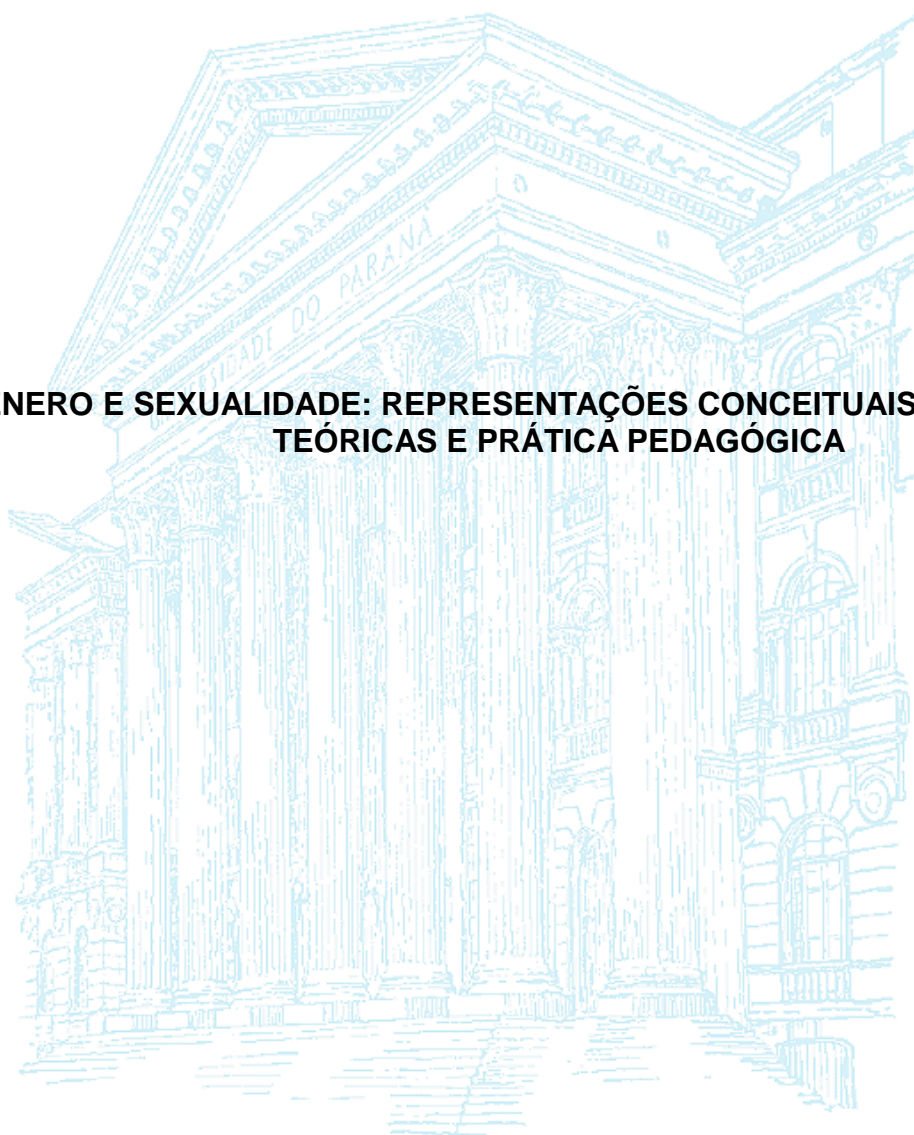


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NILZA MARA DO NASCIMENTO SILVA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS, CONCEPÇÕES  
TEÓRICAS E PRÁTICA PEDAGÓGICA**



ITAMBÉ  
2016

NILZA MARA DO NASCIMENTO SILVA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS, CONCEPÇÕES  
TEÓRICAS E PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Ana Christina Duarte  
Pires

ITAMBÉ  
2016

# GÊNERO E SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS, CONCEPÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICA PEDAGÓGICA

**Nilza Mara do Nascimento Silva<sup>1</sup>**  
**Ana Christina Duarte Pires<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Pedagoga, Supervisora Educacional da Escola Municipal Pioneiro Silvino Fernandes Dias-Maringá/PR; e-mail: [nilza-mara@hotmail.com](mailto:nilza-mara@hotmail.com)

<sup>2</sup>Docente da Universidade Estadual do Paraná; e-mail [anachrisdp@gmail.com](mailto:anachrisdp@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho surge da necessidade de proporcionar reflexões a cerca das temáticas gênero e sexualidade no ambiente escolar, e consequentemente promover algumas discussões referentes ao enfrentamento, de todas as formas de discriminação existentes na sociedade em que estamos inseridos, por meio de práticas educativas realizadas na escola. A intenção é promover discussões, nas quais as diferentes identidades se encontrem, constituam e produzam afinidades que sejam respeitadas. Este artigo tem como tema gênero e diversidade sexual, e a intenção de entender os conceitos construídos sobre gênero e como estão associados em práticas educativas, a fim de reduzir preconceito nas instituições escolares e na sociedade. Como metodologia foi aplicado um questionário para saber a postura dos educadores e educadoras perante as questões relacionadas a gênero e sexualidade na escola, e como lidariam com alguns episódios de preconceito que necessitam de intervenção e quais os desafios encontrados para intervir nessas situações. Traz os desafios encontrados pelas professoras em trabalhar a temática na escola, reflete sobre a importância que a escola tem de eliminação de preconceitos e práticas discriminatórias e traz contribuições para instigar professores e professoras a desenvolverem intervenções pedagógicas na sala de aula.

**Palavras-chave:** diversidade; gênero; prática pedagógica; sexualidade

**Abstract:** The present project comes from the necessity of proposing reflections about the themes gender and sexuality at the school environment, and consequently, promote some discussions referring to the act of facing all forms of prejudice present in our society, through educative practices performed at school. The intention is to promote discussions, where the different identities can meet, constitute and produce affinities that can be respected. This article has as the theme gender and sexual diversity, and the intention of understanding the concepts built about gender and how they are related in the educative practices, trying to reduce prejudice in the scholar institutions and in the society. A questionnaire to know the attitude of educators towards the issues related to gender and sexuality in school, and how they would deal with some episodes of prejudice that need intervention and what the challenges to intervene in these situations as the methodology was applied. It brings the challenges faced by teachers while working with the theme at school, reflects about the important role the school has in banning the prejudice and all kinds of discriminatory practices and it brings contributions to instigate teachers to develop pedagogical interventions in the classroom.

## INTRODUÇÃO

As relações de gênero têm ganhado visibilidade na sociedade atual. Essa relevância legitima a necessidade de se trabalhar essa temática em interface com práticas educativas. A escola demarca espaços, institucionaliza comportamentos e legitima discursos sobre os corpos e os gêneros, geralmente separando práticas do feminino e masculino, enquadrados em uma normativa social rígida. De acordo com Bourdieu,

[...] a Escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e relação adulto/criança) e sobretudo, talvez os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas (“moles” ou “duras”...), entre as especialidades, isto é entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações [...] (BOURDIEU, 2007).

A presente pesquisa trata sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, no intuito de desmistificar a reprodução do conceito construído socialmente de gênero, bem como discorrer sobre a postura dos professores perante o tema e os desafios que precisam ser superados em relação a preconceitos e discriminações, e consequentemente na sociedade a qual estamos inseridos.

Este projeto tem a pretensão de ressaltar que as políticas públicas precisam levar em conta discussões a cerca da questão de gênero e diversidade sexual, apontando condições favoráveis para formar indivíduos críticos e capazes de aceitarem a diversidade existente em nossa sociedade.

Dessa forma, é de suma importância que se estude as relações de diversidade no ambiente escolar. A pesquisa com professores/as do primeiro ciclo da Educação Básica é importante para entendermos quais dificuldades estes/as profissionais enfrentam para lidar com a diversidade e principalmente para incluir alunos/as na dinâmica da sala de aula.

Ainda, que o trabalho com gênero e sexualidade não seja suficiente para romper com os preconceitos, ele mostra-se muito fértil para contribuir para a ampliação da consciência sobre a diversidade humana e as múltiplas formas de ser e estar no mundo.

As crianças são tratadas de forma diferente pelos pais e por outros adultos desde o momento em que nascem. Isso as ensina que meninos e meninas são

diferentes e que os dois gêneros têm diferentes experiências desde o nascimento. Com frequência são vestidos com roupas de cores diferentes e incentivados a brincar de maneiras diferentes. Incentivam as meninas a serem elegantes e delicadas, e os meninos a serem aventureiros e bem sucedidos no enfrentamento de desafios, também são mais submetidos a brincadeiras mais brutas do que as meninas. Dessa forma, são incentivados a ter comportamentos e atitudes estereotipadas segundo o gênero.

Desde pequenas, as crianças aprendem a associar atividades de homens e de mulheres, por meio do que os pais fazem em casa, estabelecendo generalizações ao gênero masculino ou feminino.

Como afirma o texto do Livro de Conteúdos “Gênero e Diversidade na Escola” (2009):

Na família, assim como na escola, é fundamental que as pessoas adultas, ao lidarem com crianças, percebam que podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero e suas marcas, contribuindo para estimular traços, gostos e aptidões não restritos aos atributos de um ou outro gênero. Por exemplo, deve ser estimulado nos meninos que sejam carinhosos, cuidadosos, gentis, sensíveis e expressem medo e dor. Quem disse que “homem não chora”? As meninas, por sua vez, podem ser incentivadas a praticar esportes, a gostar de carros e motos, a serem fortes (no sentido de terem garra, gana), destemidas, aguerridas (2009, p.48-49).

Vivemos em uma sociedade marcada, historicamente, como masculina, racista e homofóbica, que acarreta exclusão social, de grupos diferenciados pela classe social, bem como de grupos diferenciados por questões de gênero e orientação sexual. Os atos de violência vêm crescendo significativamente na sociedade brasileira contemporânea, e a homofobia é exemplo desse mal que afeta grande parte da população. Homofobia significa aversão que algumas pessoas, ou grupos sentem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais. De acordo com Signorelli (2014, p.56), “A homofobia é uma categoria descrita como conjunto de atitudes negativas em relação aos homossexuais, somados ao medo de tornar-se homossexual ou tomar gosto pela experiência homossexual”.

Essa violência é repercutida também no ambiente escolar, no qual as crianças que demonstram em sua identidade características não convencionais sofrem desde cedo. Processos históricos e culturais classificam as pessoas a partir do entendimento de masculino e feminino. Qualquer comportamento, desde crianças,

diferente do que é considerado normal é tratado com desprezo, violência física e psicológica.

Na escola, o currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão do conhecimento, mas construído nos interesses que são eleitos na escola e/ou sistema educativo.

[...] O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2004).

Dessa forma, a escola é corresponsável pela manutenção e criação das hierarquizações geradas a partir das ideias de masculinidade e feminilidade. O conceito rígido estabelecido aos gêneros e aos sexos nas escolas resulta na exclusão dos que não se adaptam aos comportamentos heteronormativos. A heteronormatividade é uma construção discursiva com viés político, capaz de produzir modos de subjetivação, que visa a estigmatização e marginalização dos que com ela não se identificam.

Infelizmente, a escola ainda é um espaço no qual se constitui como reprodutora do conceito de gênero construído socialmente. Isso pode ser constatado na forma como professores e professoras educam as crianças pequenas quando afirmam que meninas são mais quietas e obedientes ou que meninos são mais agitados e desatentos. Nos conselhos de classe, às vezes, ainda nos deparamos com justificativas dos professores que a indisciplina, o baixo rendimento escolar e a apatia são encarados como problemas decorrentes da sexualidade. Estes episódios são reprisados com frases: “Esse menino é muito estranho!”, “Olha o jeitinho dele. Fala sério!”, “Essa menina parece macho. Olha como ela senta, parece que tem um ovo entre as pernas” ou “Ele é muito delicado e afeminado”.

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é [...] uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem afastar-se dos/das homossexuais como pelos próprios/as. (LOURO, 2008).

Os estereótipos e os preconceitos de gênero são internalizados pelos próprios professores e professoras, que inconscientemente esperam coisas diferentes de meninos e meninas, reproduzindo assim, as desigualdades de gênero.

A escola deve oportunizar a discussão de questões sociais, conscientizando sobre a diversidade que temos em nossa sociedade. Como nos lembra Costa (1992, p. 145), “Não existe, na perspectiva psicanalítica, nenhuma sexualidade humana estável, dada, natural ou adequada a todos os sujeitos”.

De acordo com o Livro de Conteúdos “Gênero Diversidade na Escola” (2009):

[...] a escola é instituição-parte da sociedade e por isso não poderia se isentar dos benefícios ou das mazelas produzidos por essa mesma sociedade. A escola é, portanto, influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar da/na sociedade, ao mesmo tempo em que os influencia, contribuindo para suas transformações. Ao identificarmos o cenário de discriminações e preconceitos, vemos no espaço da escola as possibilidades de particular contribuição para alteração desse processo. A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de origem, de gênero, sexual, étnico-racial, cultural etc), torna-se responsável – juntamente com estudantes, familiares, comunidade, organizações governamentais e não governamentais – por construir caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. Educar para a valorização da diversidade não é, portanto, tarefa apenas daqueles/as que fazem parte do cotidiano da escola; é responsabilidade de toda a sociedade e do Estado (2009, p. 31).

É importante pensarmos formas de incluir nos currículos escolares uma discussão sobre gênero e sexualidade. É necessário pensarmos em ações pedagógicas que pressuponham as diferentes vivências de gênero e de sexualidade, como algo efetivamente capaz de tornar nossos currículos mais “queer”.

De acordo com Silva (2004, p. 105), “Historicamente o termo queer tem sido utilizado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais, sobretudo do sexo masculino”.

Segundo Louro (2004), termo queer significa estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecidível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Silva (2004, p.107) argumenta que, “Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade”.

Pensar na elaboração de um currículo queer é uma tarefa difícil, uma vez que se contrapõe ao que é estabelecido e construído socialmente, além de ser considerado como correto, mas é necessário enfrentar, colocando esse currículo em ação prática no contexto escolar, para dissolver estereótipos e paradigmas já estabelecidos pela sociedade vigente.

Um currículo inspirado na teoria queer é um currículo que força os limites das epistemes dominantes: um currículo que não se limita a questionar o conhecimento como socialmente construído, mas que se aventura a explorar aquilo que ainda não foi construído. A teoria queer- esta coisa “estranha”- é a diferença que pode fazer diferença no currículo. (SILVA, 2004).

É necessário desvincular as diferenças biológicas dos comportamentos esperados de homens e mulheres, sustentando que esses comportamentos não são efeitos da natureza, mas sim de regras sociais que determinam o conjunto de características que distinguem o feminino do masculino.

Butler (2003, p.25) afirma que “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Dessa forma, a autora indicava que o sexo não é natural, mas é também discursivo e cultural como o gênero.

Portanto, a escola deve possibilitar a compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais que culturalmente se cria, possuindo um papel fundamental na desmistificação destes diferentes, além de ser um importante instrumento de construção de valores e atitudes sobre as identidades de gênero e sexualidade.

## **OBJETIVO GERAL**

Entender os conceitos construídos socialmente sobre gênero e como estão associados em práticas educativas, a fim de encontrar soluções que visem reduzir o preconceito nas instituições escolares e consequentemente na sociedade a qual estamos inseridos.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ◆ Elencar os desafios atrelados à discriminação e preconceito de gênero na escola;



- ◆ Estudar a importância da escola como local de eliminação de preconceitos e práticas discriminatórias;
- ◆ Propor intervenções que visem à diminuição do preconceito e da discriminação no ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa em questão aborda as representações sociais de professores (as) do ensino fundamental, de uma escola pública, situada no noroeste do estado do Paraná, sobre o tema gênero e sexualidade, buscando entender que o pensamento interfere na prática pedagógica.

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos das representações sociais, para subsidiar a análise de falas de professores (as) a partir da obtenção de dados descritivos e observações, por meio do contato do pesquisador com a situação estruturada. Procura-se buscar uma interlocução entre o referencial teórico e os dados das entrevistas conduzidas com professoras de escola pública do ensino fundamental.

No segundo semestre de 2015, foi aplicado um questionário para saber qual a postura do educador ou educadora diante de questões relacionadas a gênero e sexualidade no ambiente escolar, e saber como os/as professores/as lidariam com alguns episódios de preconceito que necessitam de intervenção, bem como sobre os desafios encontrados pela escola para interferir nessas situações.

Foi realizado um levantamento das respostas, no intuito de entender quais pressupostos e conceitos estão associados à relação de gênero e sexualidade na prática educativa escolar e quais são os desafios da escola abordar em seu currículo a diversidade como tema transversal.

Portanto, a presente pesquisa trata-se sobre a temática gênero e sexualidade no ambiente escolar, no intuito de desmistificar a reprodução do conceito construído socialmente, bem como discorrer sobre a postura dos professores e professoras perante o tema e os desafios que precisam ser superados em relação a preconceitos e discriminações.

Por fim, a partir dos resultados, serão elaboradas algumas intervenções pedagógicas, com o objetivo de contribuir para a implantação de formas sistemáticas

de trabalho, viabilizando no espaço escolar possibilidades de ações que diminuem o preconceito e discriminação sobre gênero e sexualidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como já foi apresentado na metodologia, o procedimento empírico adotado na pesquisa teve como instrumento de coleta de dados o questionário, com questões objetivas e descritivas, aplicadas em trinta e quatro educadoras de uma escola que funciona em tempo integral, com o intuito de investigar as representações conceituais que as mesmas possuem em relação ao tema gênero e sexualidade na prática escolar e por fim, concluir quais são os desafios da escola abordar essa temática em seu currículo.

Pode se constatar que as professoras sentem-se desconforto ao tratar do assunto gênero e diversidade sexual, o que pode ser observado durante a distribuição do questionário. Dessa forma, se faz necessário entender os motivos pelos quais os/as educadores (as) possuem receio em relação às questões ao tema pesquisado.

Entre as profissionais que responderam o questionário 79,4%, afirmaram que consideram bom o conhecimento que têm sobre o tema gênero e sexualidade.

Um percentual de aproximadamente 85,2% das educadoras considera que possuem formação ou já estudaram sobre o tema, em disciplinas da faculdade, palestras, leitura em revistas e internet. E 14,7% das professoras nunca estudaram sobre o tema, porém consideram que tem conhecimento para trabalhar com os educandos e educandas.

Apenas 2,9% das profissionais não acreditam que seja importante ter conhecimento sobre o tema para a prática pedagógica, 97% afirmou que é importante, porém 58,8% não trabalha o mesmo no ambiente escolar.

Atualmente, nos deparamos com situações de preconceitos na sociedade em relação a gênero e sexualidade. E na instituição escolar, espaço de formação de cidadão não é diferente. Como já foi citada anteriormente a escola reproduz conceitos construídos socialmente sobre gênero e sexualidade, fato esse que também é constatado na escola em que trabalho, porém algumas educadoras relataram por meio do questionário que nunca depararam com situações de preconceito em relação a essa temática, ou seja, podemos concluir que as mesmas

não têm clareza sobre o tema. São preconceitos que não resistem a razão nem aos novos tempos e que continuamos a considerar verdades intocáveis, nos costumes e nas regras inflexíveis.

Apesar da maioria das professoras considerarem que têm formação sobre gênero e diversidade sexual, ainda constata-se que a falta de formação continuada sobre esse tema é de grande relevância para minimizar situações de preconceitos que acontece no ambiente escolar, pois a falta de conhecimento não permite as educadoras abordarem esse tema. Apesar das limitações, não sinalizam na prática a busca de formação na área. Dessa forma, reproduzem afirmações e conceitos sem reflexões mais profundos, que sejam ancorados em textos, debates ou discussões específicas.

Dos trinta e quatro profissionais que responderam o questionário 58,9% já se depararam com alguma situação de preconceito na escola, em relação aos profissionais que já se depararam com situações preconceituosas, foram relatadas reações diversas, como nos afirmam os relatos, algumas deixaram de abordar esse tema em sala de aula para reflexão dos educandos, “Receio em falar sobre o tema, por não ter conhecimento”, “fiquei sem reação”; outros recorreram à orientadora da escola, “Encaminhei a criança para uma conversa reservada para orientação e esclarecimento”, “Pedi a orientadora que conversasse e orientasse os envolvidos”, estes acreditam que a sexualidade é um assunto privado, portanto, não deve ser tratado com todos os estudantes, apenas com aquele que está envolvido na situação, entendem que a tarefa de realizar discussões é da orientadora educacional; e alguns conversaram com os envolvidos ou com a sala sobre a importância do respeito às diferenças, refletindo que a falta dela é causadora da intolerância, preconceito e da agressão, “Chamei as partes para conversar , falei sobre as diferenças existentes entre nós e sobre o respeito para com elas, o agressor se desculpou”, “ Conversei com a turma, no sentido de que devemos respeitar a individualidade de cada um”.

Percebe-se por meio de relatos, que na escola em que trabalho, a maioria dos profissionais são “muito” preconceituosos, em relação à questão de gênero e sexualidade. Reproduzem apenas conceitos que foram elaborados culturalmente, pode ser em diversos momentos, quando é trabalhado atividades e conteúdos relacionados ao vestuário feminino e masculino, nas brincadeiras livres com bonecas, carrinhos e bolas, nos conteúdos de ciências quando se trata do corpo

humano, especificamente dos órgãos reprodutores e consequentemente da sexualidade de forma heteronormativa, a formação de filas e até mesmo na distribuição de folhas de sulfite coloridas (azul para meninos e rosa para meninas). Assim, em vez de proporcionar vivências que possibilitem a integração, acabam por rivalizar os grupos ainda mais.

É importante relatar também que em muitos conteúdos aparecem o homem invisibilizando a figura e papel social da mulher. É o caso dos livros em que aparece a mulher ocupando um espaço de menos prestígio que os homens, demarcando os lugares de homens e os lugares de mulheres. É nesse momento, que se faz necessário à reflexão da importância da mulher na construção e transformação social.

As professoras, em suas respostas, entendem que não é necessário tratar sobre o tema gênero e sexualidade com todas as crianças. A abordagem só precisa acontecer, no caso de surgir alguma situação considerada “problema” e deve-se trabalhar individualmente, por considerarem ser da ordem que gera insegurança e trazem à tona “tabus”, construídos socialmente. Dessa forma, os conteúdos gênero e sexualidade não são baseados no currículo formal, mas sim no currículo oculto.

Portanto, pode-se concluir que os profissionais ainda se sentem despreparados para lidar com questões de gênero e sexualidade, que a ausência de estudos em curso de formação de professores e professoras é um dos agentes que obstaculizam o trabalho docente. A oportunidade de formação continuada de diferentes formas- cursos, grupos de estudos, debates, estudo individual- possa trazer mudança de atitude dos educadores, diante das situações que ocorrem na escola diariamente. Por fim, a partir desses resultados é importante ressaltar que se faz necessário, um plano de ação nas instituições escolares com objetivo de criar procedimentos e estratégias de intervenção para minimizar o preconceito e discriminação no ambiente escolar.

## **CONCLUSÃO**

Durante a realização deste trabalho foi possível perceber que tanto no âmbito social como no contexto da educação formal escolar existe exclusão de pessoas que se dissociam ao poder dominante e homogeneizante.

A escola participa da construção da identidade de gênero, reforçando a desigualdade entre masculino e feminino. Desse modo, as questões de gênero na educação devem discutir relações de práticas educacionais cotidianas, desconstruindo significados e questionando conceitos pré-estabelecidos pela sociedade.

No contexto escolar os professores e professoras resistem em romper paradigmas, e isso se deve também de uma vontade racional, mudança de hábitos e postura, pois ao longo dos anos alguns conceitos foram cristalizados, tornando difícil de desvencilhar-se deles. Percebe-se, por meio da pesquisa desse trabalho que há intenções de realizar trabalhos relacionados a gênero e sexualidade na escola, mas professores e professoras com conceitos e posturas cristalizadas sentem-se incapazes de assim desenvolvê-los. É lamentável que questões morais, religiosas e costumes impeçam que educadores e educadoras aprofundem os estudos. Este é um desafio que precisa ser superado, por meio de uma educação de qualidade e laica.

É necessário desconstruir significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, na nossa sociedade. Apesar de essas questões estarem implícitas no dia a dia da escola, permeados nas práticas pedagógicas, ainda não há discussões em cursos de formação dos educadores e educadoras.

Dessa forma, se faz necessário pensar e buscar políticas públicas para a formação de professores, pois se sabe que a discussão ainda é tímida quando se trata da temática gênero e diversidade sexual. É importante que os profissionais entendam que a escola reproduz conceitos construídos social e culturalmente e que estes por sua vez, promovem atitudes discriminatórias no ambiente escola e social.

Além disso, é importante que se faça um currículo que valorize a diversidade de gênero, desconstruindo tabus considerados como corretos na sociedade. A escola como espaço privilegiado de formação de consciência, deve ser explorada para que gênero e sexualidade possam vir a serem pontos de reflexões para crianças e jovens.

Tendo a escola papel importante na formação social das pessoas, é importante que a torne local de eliminação de preconceitos e práticas discriminatórias. Nesse sentido, torna-se necessário agregar em suas práticas pedagógicas diferentes metodologias, a fim de sanar situações preconceituosas criadas culturalmente.

Esse projeto além de elencar os desafios que os profissionais apresentam para trabalhar com a temática em estudo, também consiste em criar ações que viabilizem a execução de atividades práticas, visando diminuir preconceitos e discriminação no ambiente escolar.

Dessa forma, os educadores e educadoras deveriam trabalhar com filmes, propagandas, músicas, anúncios publicitários, etc., com o objetivo de promover na escola reflexões a respeito das temáticas gênero e diversidade.

É possível desenvolver oficinas e proporcionar atividades que consistem em reflexão sobre a temática para educadores e educadoras. É importante que haja análise crítica dos conteúdos didáticos que trazem conceitos velados sobre gênero e diversidade sexual; leitura crítica das imagens e musicalidade, produzidas e veiculadas nos meios de comunicação que acabam reforçando a naturalização da diversidade sexual, trabalhando novas linguagens, tanto conceituais quanto imagéticas, que possibilitem a construção de outros referenciais para trabalhar as questões da sexualidade na escola e na realidade social.

É fundamental que educadores e educadoras estejam atentos às mudanças em nossa sociedade, romper modelos hegemônicos, medos e preconceitos não é tarefa fácil. Precisamos repensar a preponderância desse modelo, questionando a que perspectiva tal modelo corresponde e com que interesses, para que nos permitam escapar da força dessa homogeneização, a partir da qual fomos produzidos e com a qual estamos acostumados. Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe compreender o caráter social da sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre masculino e feminino, reduzindo as características físicas, tidas como naturais e, por conseguinte, imutáveis.

Por fim, os professores e professoras deverão conduzir o tema gênero e diversidade sexual, refletindo junto aos alunos e alunas que conceitos sobre gênero e diversidade sexual foram criados culturalmente e que devemos combater qualquer tipo de discriminação e preconceito, para enveredarmos para uma sociedade mais justa e que respeite as diferenças.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado sabedoria.

A minha orientadora Ana Christina Duarte Pires pela dedicação, correções e incentivos.

Ao meu esposo Leandro Oliveira da Silva e minha filha Ana Clara Nascimento Silva por me apoiarem nos momentos de ausência dedicados aos estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Maria Helena Kuikner (tradutora). 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **Inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÓDULO I: Diversidade. In: **GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. p.171-174.

SIGNORELLI, M. C. Violência de gênero: um desafio para a educação. In: Jamil Cabral Sierra; Marcos Signorelli. (Org.). **Diversidade e Educação**: Intersecções entre corpo, gênero /sexualidade, raça/etnia. 1ed. Curitiba: UFPR, 2014, v.1, p.49-62.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade, uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

## ANEXO QUESTIONÁRIO

Você considera seu conhecimento sobre o tema gênero e diversidade como:

- ☐ Ruim
- ☐ Bom
- ☐ Muito

Você tem formação sobre o tema gênero e diversidade?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Onde você estudou esse tema?

- ☐ Formação Continuada
- ☐ Faculdade
- ☐ Palestras
- ☐ Nunca estudei sobre o tema

Outros: \_\_\_\_\_

Como você considera a importância do conhecimento sobre esse tema para a sua prática educativa?

- ☐ Não é importante
- ☐ Pouco importante
- ☐ Importante
- ☐ Muito Importante

Você trabalha com o tema gênero e sexualidade na sua prática pedagógica?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Descreva uma situação na qual você já abordou esse tema:

---

---

---

---

---

Você já se deparou com alguma situação de preconceito na escola em relação ao gênero e sexualidade?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Qual foi sua reação?

---

---

---

Maringá, outubro de 2015.